

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

DENIZE SANTOS MOLINOS

MEMORIAL (AUTO)BIOGRÁFICO: REFLEXÕES DE VIDA E FORMAÇÃO AOS 60 ANOS

**São Borja
2024**

DENIZE SANTOS MOLINOS

MEMORIAL (AUTO)BIOGRÁFICO: REFLEXÕES DE VIDA E FORMAÇÃO AOS 60 ANOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Humanas - Licenciatura da Universidade Federal do Pampa - campus São Borja, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado.

Orientadora: Dr^a Juliana Lima Moreira Rhoden

**São Borja
2024**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

A481o Molinos , Denize

O memorial (auto)biográfico: Reflexões de Vida e Formação aos 60 anos . – 2024.

52 p. : il.

Orientador: Juliana L. Moreira Rhoden

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade

Federal do Pampa,

1.Memorial autobiográfico. 2.Inclusão educacional. 3. Educação superior tardia

DENIZE SANTOS MOLINOS

MEMORIAL (AUTO)BIOGRÁFICO: REFLEXÕES DE VIDA E FORMAÇÃO AOS 60 ANOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Ciências Humanas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 13 de dezembro de 2024.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Juliana Lima Moreira Rhoden

Orientador

UNIPAMPA

Prof. Dr. Valmor Rhoden

UNIPAMPA

Profa. Dra. Andréa Becker Narvaes

UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **JULIANA LIMA MOREIRA RHODEN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/12/2024, às 18:13, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **VALMOR RHODEN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/12/2024, às 09:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ANDREA BECKER NARVAES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/12/2024, às 10:45, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1616690** e o código CRC **B03A5346**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família. Ao meu esposo, meus filhos, netos, genro e noras.

AGRADECIMENTO

Gratidão, como sentimento, pode ser explicada pelas dádivas que a vida lhe proporcionou e ainda proporciona, além do reconhecimento às pessoas que o apoiaram, incentivaram e auxiliaram.

Nessa minha trajetória, foram muitas as pessoas que me auxiliaram, incentivaram e que me deram uma direção a seguir para a construção deste projeto.

Para não cometer injustiças, abstenho-me de numerá-las. Contudo, não posso deixar de agradecer à minha orientadora, a professora Dra. Juliana Rhoden, que me incentivou, orientou e me ofereceu todo o auxílio necessário para a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos meus professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram obter um melhor desempenho no meu processo de formação profissional. Aos meus filhos e netos, pela compreensão das ausências e pelo afastamento temporário. Em especial, agradeço ao meu filho Jhonatan e à minha filha Thuany, por estarem direta e incansavelmente ao meu lado durante todos os momentos da graduação, com ajudas decisivas e incentivos constantes.

Ao meu esposo e companheiro de muitos anos, que continuou presente todos os dias durante o período da graduação, se disponibilizando incansavelmente sempre que necessário, independente de local e horário, com palavras de amor, carinho e incentivo, sendo compreensivo por muitas vezes ter que deixar os momentos em família em segundo plano.

A jornada não foi fácil, mas cada desafio me fortaleceu e me trouxe até aqui. Na longa caminhada, aprendi que a persistência é a chave que abre portas inimagináveis. Cada experiência, cada elo de amizade formada, representa um pouquinho da bagagem que levarei por toda a vida.

Por fim, agradeço imensamente a Deus, pela minha vida e por me conceder saúde, força, disposição e tranquilidade em meu espírito nos momentos mais difíceis da minha trajetória acadêmica até então. Sem Ele, nada disso seria possível.

Memória

A memória pode ser compreendida como uma evocação do passado, que é sempre realizada a partir do presente. É a partir desse ponto que ela articula passado, presente e futuro. A memória reúne fragmentos selecionados: lembranças de conhecimentos, palavras, coisas, sentimentos, pensamentos, pessoas e lugares que vivenciamos e conhecemos pessoalmente, ou que nos foram legados por outros, tornando-se parte de nossa realidade.

As lembranças podem ser transmitidas por séculos, mas o desenho que formam, como em um caleidoscópio, se modifica à medida que novos fragmentos são acrescentados, seja porque fatos esquecidos são lembrados, seja porque mudou o ponto de vista a partir do qual o passado é observado.

A memória é uma composição cuja autoria nunca é solitária.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) apresenta um estudo autobiográfico que narra a trajetória de uma acadêmica que ingressou no curso de Ciências Humanas - Licenciatura aproximadamente aos 56 anos, destacando os desafios e as conquistas até os 60 anos. Partindo da perspectiva da educação como um processo contínuo e transformador, o trabalho busca problematizar estigmas relacionados ao envelhecimento no contexto acadêmico, ressaltando a importância da educação permanente e do envelhecimento ativo. Por meio da elaboração de um memorial (auto)biográfico, o estudo revisita momentos marcantes da vida da autora, abordando desde os eventos pessoais e familiares que influenciaram sua decisão de ingressar na universidade até as experiências formativas do curso. A pesquisa analisa aspectos como a participação do PIBID, Residência Pedagógica e estágio. A abordagem metodológica fundamenta-se na pesquisa (auto)biográfica, destacando o uso do memorial como uma ferramenta reflexiva e formativa. Essa narrativa em primeira pessoa proporciona um espaço para revisar as próprias experiências, reinterpretar significados e compartilhar insights que contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva, onde o direito à educação é reconhecido em todas as etapas da vida.

Palavras- Chave: Memorial autobiográfico, Inclusão educacional, Educação superior tardia.

ABSTRACT

This course completion work (TCC) presents an autobiographical study that narrates the trajectory of an academic who entered the Human Sciences - Bachelor's degree at the age of 56, highlighting the challenges and achievements until the age of 60. Starting from the perspective of education as a continuous and transformative process, the work seeks to problematize stigmas related to aging in the academic context, highlighting the importance of continuing education and active aging. Through the elaboration of an (auto)biographical memorial, the study revisits important moments in the author's life, covering everything from the personal and family events that influenced his decision to join the university to the formative experiences of the course. The research analyzes aspects such as the participation of PIBID, Pedagogical Residency, and internship. The methodological approach is based on (auto)biographical research, highlighting the use of the memorial as a reflective and formative tool. This first-person narrative provides a space to revisit one's experiences, reinterpret meanings and share insights that help build a more inclusive society, where the right to education is recognized at all stages of life.

Keywords: Autobiographical memorial, Educational inclusion, Late higher education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentação do primeiro trabalho após a pandemia.....	42
Figura 2 – Viagem para participação no encontro dos programas PIBID e Residência Pedagógica	42
Figura 3 – Apresentação do TCC I.....	43
Figura 4 - Estágio de Filosofia.....	43

LISTA DE ABREVIATURAS

n. – número

p. – página

f. – folha

cap. – capítulo

v. – volume

org. – organizador

coord. – coordenador

col. – colaborador

LISTA DE SIGLAS

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

PIBID- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

RP- Programa Residência Pedagógica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior

XML - eXtensibleMarkup Language

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Considerações iniciais e delimitação do tema.....	13
1.2 Objetivos.....	14
1.3 Justificativa.....	14
1.4 Abordagem metodológica.....	15
1.5 Estrutura do trabalho.....	16
2 ENTRE VIVÊNCIAS E DESAFIOS: A VIDA ANTES DA JORNADA UNIVERSITÁRIA.....	19
2.1 Teias da vida: contextualizando história pessoal e familiar.....	19
2.2 EJA e ENEM: um caminho para o ingresso universitário.....	28
3 UM NOVO CAPÍTULO: A EXPERIÊNCIA DO INGRESSO NA UNIVERSIDADE.	31
3.1 O despertar acadêmico: minha entrada na universidade em meio ao contexto de pandemia.....	32
3.2 Entre expectativas e realidades: primeiras Impressões da universidade.....	35
3.3 Enfrentando barreiras e desafios: estigmas e preconceitos na Jornada universitária.....	36
4 MARCAS DO PERCURSO: A EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM CIÊNCIAS HUMANAS.....	38
4.1 PIBID, RP, estágio e outras vivências: catalisadores de superação no meu percurso acadêmico.....	39
5 REFLEXÕES SOBRE A MINHA FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS - LICENCIATURA E O FUTURO.....	44
5.1 Desafiando estigmas: a educação não tem idade.....	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47

1 INTRODUÇÃO

1.1 Considerações iniciais e delimitação do tema

Em um contexto social, é possível perceber que diferentes etapas da vida são frequentemente associadas a distintos objetivos e expectativas. Para os jovens, o foco está no desenvolvimento pessoal, intelectual e profissional, com a universidade sendo o ambiente ideal para essa construção. Em contrapartida, para os adultos e idosos, a expectativa social muitas vezes está ligada à constituição de família, ao cumprimento de responsabilidades domésticas e profissionais. Durante muito tempo, o ambiente universitário foi visto como um espaço reservado para os mais jovens, enquanto as pessoas mais velhas não eram encorajadas a buscar esse tipo de formação, muitas vezes por acreditarem que não condizia com o momento de vida em que se encontravam.

No entanto, essa realidade está mudando. Nos últimos anos, tem sido cada vez mais comum encontrar pessoas mais velhas em cursos superiores. Essa tendência reflete uma nova compreensão de que o indivíduo tem a capacidade de aprender ao longo de toda a vida, destacando a importância da educação permanente como um pilar fundamental para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. O direito à educação e a oportunidade de formação acadêmica em idade mais avançada devem ser reconhecidos como um privilégio não exclusivo aos jovens.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca explorar as experiências pessoais e acadêmicas que culminaram no ingresso e na trajetória de uma acadêmica aos 60 anos no curso de Ciências Humanas – Licenciatura. Através de um memorial (auto)biográfico, revisito os principais momentos da minha vida, destacando tanto os desafios enfrentados quanto as conquistas que marcaram essa jornada educacional.

Partimos do pressuposto de que a educação é um processo contínuo, que se estende por toda a vida. Cada ser humano é capaz de se formar e se informar, buscando transformar-se e, assim, influenciar o mundo ao seu redor. Somos, por natureza, seres inacabados e imperfeitos, e a educação é o caminho pelo qual buscamos superar essas imperfeições. Dessa forma, a educação se torna um

processo transformador, capaz de realizar utopias e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.

1.2 Objetivos

Este estudo tem como principais objetivos:

- **Narrar aspectos marcantes da minha história que antecederam o ingresso na graduação:** Relatar os eventos e decisões pessoais que culminaram na escolha de ingressar na universidade, após uma trajetória marcada por outros compromissos familiares e profissionais e vivências pessoais.
- **Problematizar as experiências de ingresso e adaptação à vida acadêmica:** Abordar os desafios enfrentados no processo de adaptação ao ambiente acadêmico, incluindo as primeiras impressões sobre a universidade, as dificuldades de integrar-se ao novo contexto e os estigmas enfrentados por ser uma acadêmica em uma faixa etária mais avançada.
- **Analisar as experiências formativas no curso de Ciências Humanas – Licenciatura:** Focar nas superações e conquistas ao longo do curso, como a participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), as vivências no estágio e o desenvolvimento acadêmico e pessoal.

1.3 Justificativa

Este trabalho justifica-se pela relevância crescente do tema da educação permanente e do envelhecimento ativo, destacando a necessidade de valorizar o papel da educação na vida adulta e idosa. Embora a educação superior tenha historicamente sido um espaço prioritariamente jovem, a presença cada vez maior de pessoas mais velhas em cursos universitários desafia essa percepção e reforça a importância da educação como um direito para todas as idades.

A análise das experiências formativas e das barreiras superadas por uma acadêmica que hoje encontra-se com 60 anos oferece uma oportunidade para refletir sobre os estigmas associados ao envelhecimento no contexto acadêmico e a necessidade de políticas educacionais mais inclusivas.

1.4 Abordagem metodológica

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, baseada na elaboração de um memorial (auto)biográfico. Partimos da premissa de que o memorial é um texto no qual o autor narra sua própria história de vida, a partir de sua palavra, destacando acontecimentos significativos e evidenciando os fatos mais relevantes ao longo de sua trajetória. O memorial é uma forma de narrativa na qual o autor revisita sua trajetória de vida, trazendo à tona momentos significativos e reflexões sobre os desafios e aprendizados adquiridos ao longo do tempo. De acordo com Bragança (2008, 2011) e Maurício (2008), o memorial é um documento de natureza autobiográfica, onde o narrador revisita sua trajetória de vida com base em objetivos previamente estabelecidos.

Ademais, o memorial autobiográfico, nesta perspectiva, configura-se como uma ferramenta para a reflexão biográfica no processo de formação em Ciências Humanas, proporcionando um espaço para a auto-reflexão sobre a própria vida, trajetória pessoal, formação, impactos de experiências ao longo do caminho, dificuldades enfrentadas e as estratégias utilizadas para superá-las.

Josso (2007, 2008) concebe o trabalho com narrativas de histórias de vida como uma "abordagem biográfica" ou "abordagem experiencial", enfatizando que esse processo abrange a totalidade da vida e das experiências formativas do indivíduo. Essa abordagem permite que as pessoas (re)signifiquem a si mesmas, ampliando e aprofundando a compreensão de suas trajetórias. Para Josso (2008, p. 19), estudar histórias de vida é essencialmente um meio de autoconhecimento em sua dimensão existencial, oferecendo ao autor oportunidades de refletir sobre suas expressões, representações e as dinâmicas que moldam sua formação.

A autobiografia é compreendida como a narração da própria trajetória de vida, em que o indivíduo assume o papel de narrador, conduzindo a história a partir de suas percepções pessoais e controlando os meios pelos quais essa narrativa é registrada. Pereira (2009, p. 123) complementa essa visão ao afirmar: "para que haja autobiografia, e mais geralmente literatura íntima, é preciso que haja identidade do autor, do narrador e do personagem. Esta identidade se caracteriza pelo emprego da primeira pessoa."

Assim, este memorial autobiográfico é entendido como um dispositivo de pesquisa-formação, inserido no campo da pesquisa em educação, que oferece uma oportunidade de reflexão sobre a trajetória pessoal e os processos de formação.

De acordo com Abrahão (2004, p. 202), a pesquisa (auto)biográfica "é uma forma de história autorreferente, repleta de significado, na qual o sujeito se desvela para si e se revela para os outros. Corroborando Pereira (2009, p.129) aponta que

Se a forma específica da autobiografia é a ausência da intermediação de um pesquisador, seu estudo, porém, não pode desconsiderar a interferência do outro: é importante determinar quem é o interlocutor imaginário ao qual o relato se dirige, e que tipo de relação o narrador estabelece com ele (de sedução ou de desafio).

A memória é um elemento-chave no trabalho com pesquisa (auto)biográfica. Optar por essa metodologia implica reconhecer o pesquisador como o sujeito da pesquisa. O "eu", em primeira pessoa, é o foco da memória, levando em consideração aspectos subjetivos. O processo de explicitação da trajetória de vida exige grande envolvimento pessoal e contribui para uma tomada de consciência tanto individual quanto coletiva, permitindo que o autor reflita sobre suas lembranças e experiências, a partir dos significados às vivências e experiências narradas, promovendo assim, um processo de formação e autoformação.

Neste trabalho, utilizo minha própria narrativa como base de análise. Na autobiografia, o narrador realiza a edição de sua história, selecionando e construindo o texto de acordo com sua percepção. Como afirma Pereira (2009, p. 123), "para que haja autobiografia, e mais geralmente literatura íntima, é preciso que haja identidade do autor, do narrador e do personagem. Esta identidade se caracteriza pelo emprego da primeira pessoa.

1.5 Estrutura do trabalho

O trabalho está estruturado em seis capítulos e busca explorar e narrar as experiências pessoais e acadêmicas que culminaram no ingresso e na trajetória de uma acadêmica que iniciou o ensino superior no curso de Ciências Humanas – Licenciatura por volta dos 56 anos, realizando esta reflexão agora, aos 60 anos. Através de um memorial (auto)biográfico, revisito os principais momentos da minha vida, destacando tanto os desafios enfrentados quanto as conquistas alcançadas ao longo dessa jornada educacional. Além disso, apresento aspectos conceituais que auxiliam na análise e compreensão dessas vivências, mantendo um perfil técnico,

teórico e bibliográfico. Essa abordagem permite conectar minha trajetória pessoal com o conhecimento produzido por pesquisadores que refletem sobre o processo de formação pedagógica e suas implicações.

No primeiro capítulo, a introdução apresenta a temática central do trabalho, seus objetivos, a justificativa e a estrutura geral. O Capítulo 2: Entre vivências e desafios: a vida antes da jornada universitária aborda aspectos marcantes da minha história pessoal e familiar, explorando as teias de vivências que compõem minha trajetória antes de ingressar no ensino superior. Em *"Teias da vida: contextualizando história pessoal e familiar"* (2.1), discuto os aspectos mais relevantes do meu contexto de vida, destacando a influência das relações familiares na decisão de retornar aos estudos. Na sequência, em *"EJA e ENEM: um caminho para o ingresso universitário aos 56 anos"* (2.2), relato a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como meios para viabilizar meu ingresso na universidade, detalhando como esses instrumentos possibilitaram a retomada dos estudos.

O Capítulo 3: Um novo caminho: a experiência do ingresso na universidade discute minha chegada à universidade e as impressões iniciais. Em *"O despertar acadêmico: minha entrada na universidade em meio ao contexto de pandemia"* (3.1), relato a experiência única de iniciar a jornada acadêmica durante a pandemia, enfrentando desafios adicionais na adaptação. A seguir, em *"Entre expectativas e realidades: primeiras impressões da universidade"* (3.2), reflete-se sobre a construção das primeiras percepções do ambiente universitário. Por fim, *"Enfrentando barreiras e desafios: estigmas e preconceitos na jornada universitária"* (3.3) aborda as barreiras sociais e os preconceitos enfrentados como acadêmica mais velha, destacando a luta contra estigmas relacionados à idade no ambiente acadêmico.

O Capítulo 4: Marcas do percurso: a experiência formativa em Ciências Humanas foca na minha trajetória formativa no curso de Ciências Humanas. Em *"RP, PIBID, estágio e outras vivências: catalisadores de superação no meu percurso acadêmico"* (4.1), exploro o impacto transformador da participação em programas como o PIBID, além das vivências no estágio e outras experiências significativas que foram essenciais para minha superação acadêmica. No Capítulo 5: Reflexões sobre

minha formação em Ciências Humanas – Licenciatura e o futuro, destaco a importância da educação ao longo da vida, com foco na superação de estigmas associados à idade. Em "*Desafiando estigmas: a educação não tem idade*" (5.1), discuto como minha formação em Ciências Humanas trouxe reflexões sobre o papel da educação na vida adulta e como essa experiência acadêmica impactou minhas perspectivas futuras. Por fim, nas Considerações Finais, apresento uma síntese das principais reflexões e aprendizados adquiridos ao longo da jornada, ressaltando a importância da educação como um direito e uma oportunidade para todas as idades. Nessa seção, reflito sobre o processo contínuo de transformação pessoal e acadêmica, apontando os caminhos que a formação superior abriu para novas oportunidades e a construção de uma nova fase da vida.

2 ENTRE VIVÊNCIAS E DESAFIOS: A VIDA ANTES DA JORNADA UNIVERSITÁRIA

Antes de iniciar a jornada universitária, minha vida foi marcada por uma série de experiências e desafios que moldaram minha perspectiva sobre o mundo, o aprendizado e o próprio conceito de superação. Este capítulo busca retratar o contexto que antecedeu o ingresso na universidade, refletindo sobre o caminho percorrido até ali. Desde as vivências familiares, profissionais e pessoais até as adversidades que surgiram ao longo dessa trajetória, cada passo foi uma construção contínua de forças internas e resiliência.

A vida antes da universidade não foi uma linha reta, mas uma série de desvios, obstáculos e momentos de reflexão. Os desafios enfrentados foram tanto externos, quanto internos, como as dúvidas e inseguranças sobre minha capacidade de conquistar objetivos mais audaciosos. No entanto, cada dificuldade vivida contribuiu para o fortalecimento da minha determinação de buscar uma formação acadêmica. Neste capítulo, compartilho as experiências que, apesar de desafiadoras, prepararam o terreno para a decisão que tomaria de ingressar na universidade, entendendo essa jornada não apenas como uma busca pelo conhecimento, mas como uma nova oportunidade de crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

2.1 Teias da vida: contextualizando história pessoal e familiar

Nossas trajetórias e escolhas são recheadas de sentidos, significados, pessoas, histórias que nos marcam e, que muitas vezes em nossa memória se apresentam como retalhos de lembranças e que ao serem costurados e unidos nos fazem perceber e refletir sobre as nossas experiências vivenciadas. Sou Denize, nascida no dia 28 de fevereiro de 1964, na cidade de São Borja. Decidi escrever minha autobiografia porque, embora eu seja uma pessoa comum, acredito que minha história de vida é marcada por fé, determinação e experiências únicas. Ao longo da minha trajetória, enfrentei e superei diversos desafios, tanto na vida pessoal quanto profissional e espiritual.

A minha autobiografia é a história de alguém com várias experiências sobrenaturais, dolorosas e milagres de alguém que saiu do anonimato, dos bastidores para ser literalmente autor de sua própria história de vida.

Criei-me numa família “normal”, morávamos na mesma casa: eu, meu pai, minha mãe, minha avó materna e um menino que cresceu sabendo que era criado como meu irmão adotivo. Convivi com cobranças, acusações, justificativas e, em certos momentos, agressões que chegavam até a serem físicas. Presenciei várias situações que no momento, sem entender por ser criança, achava que aconteciam em todas as famílias. Somente mais tarde fui entender que não era comum e percebi que certamente não queria isso para minha vida adulta. Afinal, como bem explica Medeiros (2022, p.47), ao se referir a questão da violência intrafamiliar

Vivenciar situações de violência durante a infância ou adolescência pode trazer consequências profundas, que se manifestam ao longo da vida em diferentes dimensões, como sintomas psicológicos ou danos sociais. Ademais, observa-se que as vítimas, frequentemente expostas à violência, podem vir a normalizar essas situações, interpretando-as de forma distorcida e alienada. Nesse processo de naturalização, a violência passa a ser percebida pelo indivíduo como algo intrínseco à condição humana, sendo aceita e incorporada como parte das relações sociais.

Cresci com um pai presente na família, mas um pouco ausente no que tange compartilhar a criação afetiva; sendo que neste quesito, resolver os problemas com os “filhos” era apenas função da minha mãe, que pode ser dita como muito autoritária, intransigente e violenta. Por muitas vezes me perguntei “Porque teria que ser assim?”. Tantas vezes senti-me culpada, responsável pelos problemas, e talvez, por isso, fosse merecedora do tratamento que acabava recebendo.

Quando eu tinha doze anos de idade, minha mãe foi avisada que tinha um menino recém-nascido para adoção. Ela dirigiu-se até lá e fez todos os trâmites legais, sem comunicar meu pai. Após uma semana ela trouxe pra casa a criança. Meu pai se revoltou bastante por não ter sido avisado e por não aceitar a adoção. Ela ignorou o posicionamento dele e eles ficaram por vários dias sem se falarem. Meu pai nem olhava para a criança. E eu estava feliz, porque tinha ganho um irmão, já que o outro que cresceu comigo tinha ido embora procurar sua mãe biológica por não mais aceitar o tratamento de indiferença e violência da minha mãe com ele.

Com o passar do tempo, eu como não entendia, e mesmo porque naquela época criança não opinava nas coisas de adulto (essa foi a minha criação), de certa forma, as coisas foram se ajeitando e, devido meus pais terem recebido uma comunicação que teriam de regularizar a situação da adoção, meu pai teve de registrar a criança para não responderem processos legais.

A partir daí, acho que aumentou mais o problema de afastamento, desleixo, falta de atenção e carinho por parte da minha mãe comigo. Quase sempre suas menções a mim eram pra me acusar de algo errado, julgar, entre outras atitudes dolorosas que só me faziam sentir como não pertencente à família. Já meu pai, era atencioso comigo, quando tinha oportunidade ele me dava atenção, só que tinha que ser sem a percepção da minha mãe porque ela julgava que comportamento de pai para filha tinha que ser a distância, por serem homem e mulher. Entende-se, que para uma criança tudo isso era uma grande incógnita.

Meu relacionamento com minha mãe sempre foi com certo distanciamento, mesmo tentando mudar a situação e às vezes os momentos de carinho passavam a ser constrangedores porque, apesar do momento, continuava a ser perceptível qual era a preferência quanto aos filhos que ela tinha. Em relação ao meu relacionamento com o meu irmão, até a sua adolescência era tranquila, por eu ser mais velha sempre o apoiava, sentindo-me de certa forma em ser responsável em ajudar em sua criação, porque nesta época meus pais estavam passando por um período difícil porque meu pai tinha sofrido um acidente e não estava podendo trabalhar e, como casal, estavam convivendo juntos no mesmo teto, mas não tinham mais uma vida conjugal. Essa participação não me isentava de ser a filha que só era vista como quem teria de ajudar a família, se não o fizesse, seria considerada uma filha sem reconhecimento, ingrata.

Decorrente da maioria do meu “irmão” as coisas foram ficando muito difíceis, devido a não concordar com sua maneira de viver e ser, porque ele não fazia nenhum esforço para ajudar minha mãe. Às vezes questiono, se certas atitudes não eram por ser adotivo, e minha mãe nunca lhe contou sobre sua adoção, tendo até situações de simulação do seu parto para justificar sua existência. Por isso fica o questionamento, será que ele sabia disso por outros meios e aproveitava-se da situação para explorá-la, e por receio desta descoberta minha mãe era conivente a esse tratamento.

Em base nisso, também até o dia de hoje minha origem é uma incógnita para mim, por muitas vezes presenciei brigas entre os meus pais e ouvi acusações de que eu não seria filha dele, sendo que quando questionada minha mãe sempre negou. Entende-se que como sempre eu convivi com a afirmação de que meu irmão tinha nascido dela, sendo que eu sempre soube a verdade do real, de fato isso é mais um questionamento presente na minha vida.

Casei cedo, aos dezesseis anos de idade, na época esta atitude era considerada precipitada, tendo o diagnóstico de que não iria durar. Entrei em conflito com meus pais porque precisava da autorização deles, devido a minha idade. Acabei conseguindo a autorização e com argumentos que a minha mãe disse sobre sua permissão, era para que eu não fizesse algo para fazê-la passar vergonha, e mesmo com muitas opiniões contrárias, o casamento foi realizado. Naquele momento não tinha dúvidas de que era a decisão mais correta a ser tomada. Dando outro rumo a nossa família, depois de adulta, casada, morando em outras cidades, meu pai foi morar comigo até uns dias antes dele falecer.

Tendo meus motivos pela opção de sair cedo da casa dos meus pais, e tentar construir minha família, dou-me o direito de preservar mais detalhes sobre o meu histórico familiar, e a partir daqui quero continuar minha caminhada no qual escolhi. Após algum tempo optei em parar os estudos, e priorizar outros planos, sendo que não cheguei a concluir o ensino médio. Tendo outras trajetórias em minha vida, até chegar ao período atual.

Sou casada há quarenta e três anos, mãe de quatro filhos (dois casais) e avó de um menino e duas meninas. Olhando ao início, não foi fácil para dois jovens se comprometendo a construir uma vida de adulto, e neste contexto, já ouvimos falar o que nossas feridas da infância podem causar aos relacionamentos da vida adulta, mas isso não significa que você não possa ter lembranças positivas daquela época e escolher não trazer para a sua vida o que não foi bom. Garanto que não foi fácil chegar até aqui com descobertas, frustrações, incompatibilidades, medos, desafios e superações.

Quando chegou ao período escolar dos filhos, pode-se dizer que foi com muita persistência e desafios por eles estudarem em várias escolas e em diferentes cidades, devido ao trabalho do meu marido que, na época, necessitava dessas dinâmicas, mas não impedindo de sermos presentes na vida escolar e a fins, dos nossos filhos. No período da última gravidez foi decidido o retorno a nossa cidade natal, estando a minha filha mais velha com 16 anos e no final da conclusão do ensino médio.

No contexto de planejamento familiar, cada um tinha seu período para se prepararem para a graduação, sendo quando um estivesse concluindo sua graduação o próximo daria o início, e assim consecutivamente. Então minha filha mais velha prestou o vestibular e passou em uma faculdade particular (URCAMP),

que era a única existente em São Borja. Nesta época foi um momento de muita luta e superação, em todos os sentidos, sejam eles materiais e emocionais, porque em primeiro lugar, para manter um filho em uma universidade particular, não era uma tarefa fácil para uma classe de trabalhadores. Mas com muita luta e persistência ela permaneceu na faculdade pelo período de dois anos, quando chegou um dia em que ela argumentou que não estava satisfeita com a Universidade, e queria ir para outra cidade estudar e trabalhar, nesse período ela tinha recebido um convite de uma amiga para ir à sua formatura em Porto Alegre, e se ela quisesse morar com ela, seria bem vinda. Salienta-se que nossa amizade com toda a família era de longa data. Nesse sentido, sabíamos que nossa filha ficaria bem. Então ela com 19 anos de idade, como era o desejo dela, combinamos que a ajudaríamos a se manter integralmente, e conforme o decorrer iríamos coordenar a situação. Ela nunca tinha ido antes a Porto Alegre, mas a determinação e vontade dela faziam com que ela saísse em busca de trabalho, porque ela não se acertou morar com a amiga, eram de muitas opiniões e comportamentos diferentes, então ela disse que queria achar um lugar só pra ela. Teve um dia em que uma conhecida da amiga dela, o convidou para ir largar um currículo em uma grande empresa, que estava contratando.

Então pegaram um trem e foram para Canoas, onde estava localizada a empresa. Ela não tinha muita esperança, devido à falta de experiência, mas foi assim mesmo. Após três dias, para sua surpresa, entraram em contato e pediram para ela ir até a empresa. Incrédula, feliz e com medo porque ela até então não tinha experiência em se deslocar sozinha em longa distância do seu habitat. Compareceu no outro dia à empresa e explicou que não tinha experiência, que estava em POA a poucos dias em busca de oportunidades para trabalhar e dar continuidade em sua faculdade. Daí explicou que ela estava com sorte, porque a pessoa que ocupava anteriormente a função, precisou se desligar urgentemente da empresa, e que eles precisavam de alguém que estivesse exercendo o curso em que ela estava. Ela conseguiu se colocar e voltar a estudar, permanecendo na empresa por quatro anos, onde só saiu porque recebeu uma proposta de outra empresa (DELL) onde permanece até hoje. Dentro do programa familiar, foi ocorrendo a cada um dos filhos que tiveram seus momentos de superação, cada um com sua história, e nós sempre estivemos presentes nesta etapa de suas vidas, onde não cabia mais a nós decidir suas preferências e oportunidade. Entende-se que nós deveríamos apoiá-los, e também procurar entender que a distância e o cuidado com os filhos, a partir dali,

estaria limitado. Os filhos saíram para realizarem suas escolhas acadêmicas, e terem sua própria vida, em outras cidades.

O segundo filho, entrou para o exército, sendo que uma das suas vontades era de prestar curso para a ESSA e continuar no exército. Nos primeiros meses do quartel, ele passou a exercer a função de Cabo. Daí ele disse que ia conciliar o exército com a preparação para o curso. Neste período ele já estava também com uma namorada. O tempo foi passando, e quando chegou o momento de fazer o curso para o exército, todos estavam ansiosos, porque ele estudou muito, tendo até privações de lazer, para se dedicar aos estudos. Ele fez todas as etapas de seleção, tendo êxito em todas, quando foi dado o resultado, para surpresa o nome dele não constava na relação de aprovados. Tal foi a indignação dele que apesar de muitos aconselharem a entrar na justiça, ele optou em não fazê-lo, mesmo que tenha se privado neste período de muitos momentos de lazer, para estudar. Então foi fazer uma graduação, enquanto permanecia no exército. Quando concluiu a graduação pediu para se desligar do exército para casar e tomar outro rumo em sua vida. Após seu casamento foi passear em Bento Gonçalves para conhecer a serra. Gostou tanto da cidade, que retornou só para comunicar a todos que iria residir em Bento, no qual permanece até hoje, com sua família formada pela esposa e uma filha.

Por conseguinte, quando o penúltimo filho ainda estava realizando a graduação, e a filha terminando o ensino médio, eu resolvi então fazer o EJA para terminar o ensino médio. Isso depois de 30 anos fora da escola. Dessa maneira, o desafio foi aceito e cumprido com louvor, tendo situações, emoções e aprendizados jamais imaginados. Depois disso, tudo continuou igual, ainda o filho estando na graduação e a última filha se preparando para iniciar o tempo dela.

Observando o cenário de o último membro da família com 16 anos de idade sair de casa para iniciar o curso de comissária de Bordo, enquanto aguardava suas notas, para iniciar sua vida acadêmica. Constatando o difícil choque de realidade, sendo uma família composta por seis integrantes, no qual restou apenas meu marido e eu.

A partir desse momento, tivemos que nos adaptar, e até mesmo, a conviver novamente só nós dois como foi inicialmente, restando agora aguardar a visita dos filhos, que cada vez foi se distanciando mais, pelos vários motivos do cotidiano. Deste momento em diante cada um foi seguindo seu caminho, almejando o futuro.

Deste momento em diante deu para perceber certo distanciamento dos dois primeiros filhos, sendo suas visitas acontecendo em períodos cada vez mais longos. Esse episódio me deixa até hoje muito triste, porque a certeza de serem sempre pais presentes em suas infâncias e adolescências, lutando, trabalhando para que não lhes faltasse nada, mesmo às vezes passando por momentos difíceis. Meu marido e eu, sempre compartilhamos de todos os momentos bons e ruins, superando-os com amor, união, persistência e cumplicidade.

Referente a colocação de Dapieve Patias et. al(2012, p.168).

Os sentimentos devido a saída concreta do filho de casa ou por um sair simbólico, quando o filho assume uma postura independente em relação aos progenitores, podem ser vistos como a vivência de uma ambivalência de sentimentos. Assim os pais podem sentir um choque com essa nova realidade, ou alegria pela satisfação e orgulho do filho.

Mesmo sendo muito dolorosa essa percepção, aceitamos o comportamento de ambos, porque acreditamos que, enquanto estavam conosco, desde o nascimento até o momento em que optaram por seguir seus próprios caminhos, fizemos a nossa parte, dando o nosso melhor nos quesitos material, emocional, dedicação e proteção.

Nesse contexto, posso dizer que não é fácil, pois os pais tentam fazer o melhor para os filhos, mas, muitas vezes, o que é bom para os pais não é interpretado da mesma forma pelos filhos. A partir daí, surgem conflitos de opiniões, cada um com suas versões e razões, tornando-se ainda mais complicado quando uma terceira pessoa, como um novo integrante da família, entra na dinâmica.

O terceiro filho iniciou a segunda faculdade enquanto ainda morava conosco. Ele ia diariamente de micro-ônibus todas as tardes e retornava por volta das 24h. Assim foi durante o primeiro semestre. No entanto, no semestre seguinte, por ter aulas aos sábados pela manhã, tornou-se necessário pernoitar em Santo Ângelo. Consideramos os custos dessa opção, e a decisão foi que ele deveria residir definitivamente na cidade. Inicialmente, foi bastante difícil, pois, com um estágio não remunerado que ocupava todo o seu tempo durante o dia, tínhamos de arcar com as despesas de moradia, alimentação e outros gastos básicos.

Nesse período, nossa filha mais nova também ingressou na faculdade. Como o curso era noturno, ela começou a trabalhar para se manter, o que foi de grande

ajuda, pois seria ainda mais desafiador sustentar dois filhos financeiramente dependentes ao mesmo tempo. Assim, seguimos dessa forma por cinco anos.

Apesar dos defeitos que possuo, como qualquer pessoa, tento minimizá-los com minhas qualidades, buscando melhorar a cada dia. Considero que minha vida é como um rio: mesmo cheio de curvas e obstáculos, sempre encontra uma maneira de superar os desafios impostos e, por fim, alcançar o mar.

Meu relato inicia aqui, num período difícil da minha vida. No dia 25 de janeiro de 2017, estava eu, meu marido e meu filho, que estava de férias no último semestre da faculdade de Psicologia. Já tínhamos nossa empresa há 17 anos, anexa à nossa residência. Nesse dia, às 12h, fechamos a empresa e fomos almoçar.

Após o almoço, senti um desconforto e comentei com meu filho. Ele me alcançou uma barra de chocolate para ingerir, supondo que poderia ser um problema de pressão arterial. Retornei à empresa e, ao abrir a porta, corri para o banheiro, pois senti que iria vomitar. Apesar de estar em situação vulnerável, com vômito intenso, consegui chamar socorro pelo WhatsApp. Imediatamente fui encaminhada ao hospital.

Nesta data 25/01/2017 eu estava com 52 anos, 10 meses e 27 dias. Fiquei hospitalizada em observação às 13h30min, com a companhia do meu filho, enquanto meu marido retornava ao trabalho. Fui medicada, e permaneci em observação até as 19 horas, quando então fui liberada, porque já tinha sido estabilizada a minha pressão arterial, e cessado o vômito, com a ressalva de procurar o meu médico, para verificar o motivo do ocorrido, porque a princípio, o médico do plantão diagnosticou uma provável labirintite.

Consequentemente retornei para casa, e devido sentir-me fraca, enquanto encaminha-me para tomar banho, meu marido providenciou algo para me alimentar e voltei a sentir-me mal. Segundo relatos, que os chamei, e dali pra frente não lembro mais.

Consequentemente retornei ao hospital, fui imediatamente internada, com o laudo médico que naquele momento eu estava com cefaleia, occipitalgia, náuseas, vômitos e diminuição de força motora. Em decorrência de estar cada vez pior, fui transferida para a CTI, onde permaneci por vários dias, sendo dias muito difíceis, tanto para mim quanto para os meus familiares.

De acordo com Lucchesi et. al (2008, p.21),

O adoecimento de uma pessoa e sua internação na UTI também implica numa modificação da dinâmica familiar. A angústia que emerge do contato mais próximo com o adoecer e com os riscos de morte do paciente pode ser perturbadora e desorganizadora da dinâmica familiar

Mesmo passando por uma junta médica e familiares, não se obteve um diagnóstico preciso e incontestável. Em vista disso, familiares pediram para que pudessem tomar outras providências, já que conseqüentemente eu não estava tendo melhoras significativas.

Em suma foram dias muito difíceis, sem um anglo norteador, de qual seria a solução imediata para resultados positivos para aquela situação em que eu me encontrava. Segundo a prescrição do meu diagnóstico para alta, foi de Labirintopatia/vertigem paroxística postural benigna? Depressão HAS de difícil controle. Em decorrência do diagnóstico, as recomendações após alta foram de manter investigação ambulatorial clínica, manter acompanhamento psiquiátrico, controle da HAS em ESF.

Em vista disso, saí do hospital tomando vários medicamentos controlados, muito fortes, e no qual me encontrava sem condições de andar sozinho, síndrome do pânico, sem poder conviver com a presença de outras pessoas, com dias e noites só dormindo. Assim continuou por vários dias, até encontrarmos um médico para uma avaliação do caso.

O médico decidiu suspender a maioria dos medicamentos de forma imediata, pois eles limitavam minhas reações. Isso marcou o início de um período extremamente difícil, no qual me sentia cada vez mais fragilizada, sem condições de me conectar com o mundo exterior. Foi uma jornada árdua e longa, travando diariamente uma batalha pela sobrevivência, em que cada dia superado era uma vitória.

Após meses de tratamento, e com o apoio da minha família, comecei a apresentar melhoras significativas. Com isso, gradualmente retomei a vida, mas com uma nova perspectiva. Incluí na minha rotina a prática de exercícios físicos e o acompanhamento psicológico, elementos fundamentais para o restabelecimento da minha saúde. Como aponta Silva et al (2022,p.2),

A família tem um papel fundamental no desenvolvimento humano, e se tratando de saúde mental a participação de seus familiares no processo de melhora é de extrema importância,até mesmo, para obter sucesso

terapêutico. A família é considerada uma unidade de cuidados onde é ali que obtemos forças para superar as dificuldades impostas pela vida, por isso, é considerada uma ponte de apoio.

Nesse momento de recuperação, vivenciei a alegria de ver meu penúltimo filho formado em Psicologia e atuando com sucesso em sua profissão, enquanto minha filha mais nova caminhava para concluir sua graduação em Relações Internacionais. A cada dia, vivíamos pequenas e grandes realizações, fruto de muita luta, persistência, fé e resignação. Embora os meses difíceis tenham exigido grande esforço, aos poucos a vida foi se transformando e trazendo novas esperanças.

2.2 EJA e ENEM: um caminho para o ingresso universitário

Desde cedo, busco conquistar e realizar meus sonhos, sempre fazendo minha parte para atingir o que almejo. Muitas pessoas me chamam de teimosa por muitas vezes não desistir com facilidade do que quero, mas eu prefiro chamar essa teimosia de persistência, pois, frequentemente, é necessário ser persistente para vencer na vida. Não são os primeiros desafios que me fazem desistir. E quando lembro que fiz o melhor de mim, fico feliz, afinal, fiz tudo o que estava ao meu alcance.

A palavra "desistir" nunca passou perto do meu vocabulário. Depois de trinta anos fora da escola, resolvi retomar os estudos por meio do EJA, pois, quando interrompi minha formação, não havia concluído o ensino médio. O EJA, ou Educação de Jovens e Adultos, é uma modalidade de ensino que permite a conclusão do ensino fundamental ou médio, oferecendo a oportunidade de retomada dos estudos em qualquer fase da vida. Ele foi pensado especialmente para pessoas que, como eu, precisaram se afastar da escola, adaptando-se à realidade de alunos que conciliam os estudos com outras responsabilidades, como trabalho e família.

Em apenas 12 meses, concluí o 2º e o 3º ano do ensino médio. Nesse instante, a euforia e a expectativa de recomeço se misturaram ao medo do desafio, já que minha ausência das salas de aula foi longa. Contudo, o apoio da minha família me encorajou a seguir em frente, transformando essa fase em um marco na minha trajetória.

A educação, em qualquer fase da vida, é um direito e uma ferramenta de empoderamento. Para os mais velhos, pode representar uma forma de melhorar a qualidade de vida e muitas vezes, recuperar a autoestima. Ademais, como aponta Leite (2022, p. 9),

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que acolhe pessoas composta em sua maioria por trabalhadores, possibilitando a estes sujeitos a continuidade e/ou retorno aos estudos visando também melhorar sua qualidade de vida, seja para fins pessoais e/ou profissionais.

Foi nesse contexto, após tudo o que vivi e mesmo enfrentando algumas dificuldades emocionais, que me senti confiante, esperançosa e, por que não, grata por estar viva. Foi então que tomei a decisão de me inscrever no ENEM, embora sem grandes expectativas. Quando voltei a estudar para concluir o ensino médio, já fazia muito tempo que eu havia deixado os estudos, e o aprendizado no EJA, apesar de significativo, foi limitado em termos de conteúdo, devido ao curto período disponível para a conclusão.

O ENEM, ou Exame Nacional do Ensino Médio, é uma avaliação criada para medir o desempenho dos estudantes ao final da educação básica, tornando-se, ao longo de mais de duas décadas, a principal porta de entrada para o ensino superior no Brasil. Por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), do Programa Universidade para Todos (Prouni) e do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), muitas pessoas, de diferentes idades e histórias de vida, têm a chance de ingressar na universidade. Além disso, instituições públicas e privadas utilizam as notas do ENEM como critério de seleção, seja de forma exclusiva ou complementar.

Os benefícios de estudar na terceira idade vão muito além do aprendizado acadêmico e, com isso em mente, realizei a prova. Depois disso, fiquei no aguardo das notas, pois, na verdade, minha intenção era testar minhas habilidades. Após tantos acontecimentos, não alimentava muitas pretensões em relação ao resultado, mas o simples fato de participar já representava uma vitória pessoal.

Para minha surpresa, as notas foram além das minhas expectativas, trazendo não apenas satisfação, mas também um novo horizonte de possibilidades. Foi então que comecei a pensar diferente: por que não tentar uma graduação? Afinal, os filhos já estavam seguindo suas trajetórias profissionais, e agora eu dispunha de tempo para realizar um sonho que havia ficado em suspenso, quase esquecido, por tantos

anos.

As questões do ENEM já representam um grande desafio para jovens que estão finalizando o ensino médio, normalmente entre 17 e 18 anos. Para alguém que esteve afastado dos estudos por duas ou três décadas, o desafio é ainda maior. Encarar a prova foi, sem dúvidas, um dos maiores obstáculos que enfrentei, mas também uma oportunidade única. Mais do que testar minhas habilidades, foi uma chance de mostrar para mim mesma que, mesmo após tantos anos, eu poderia competir em condições de igualdade e enfrentar essa verdadeira prova de fogo. Foi o primeiro passo em direção a algo ainda mais significativo: o ingresso na universidade, um marco que simbolizaria não apenas uma nova fase da minha vida, mas também uma vitória sobre os desafios e limitações que o tempo tentou impor.

Essa experiência reflete o pensamento de Freire (1995) , de acordo com ele, a juventude ou a velhice não são determinadas apenas pelo tempo de vida, mas pela maneira como nos posicionamos diante do mundo. O que nos torna jovens ou velhos é a curiosidade com que buscamos o saber, a disposição em continuar aprendendo e a capacidade de nos envolvermos com sonhos e projetos que consideramos ética e politicamente relevantes. A vivacidade e a esperança de recomeçar, sempre que necessário, definem muito mais nossa essência do que nossa idade cronológica.

Esse movimento de busca pela educação superior na terceira idade não é um caso isolado. Dados do ENEM de 2024 mostram que quase 10 mil pessoas com mais de 60 anos participaram da prova¹, número recorde desde 2020. Essa tendência reflete o aumento da expectativa e qualidade de vida no Brasil, evidenciando que nunca é tarde para aprender e transformar sonhos em realidade.

¹Fonte: Rede Geronto. *Quase 10 mil pessoas com mais de 60 anos estão fazendo o ENEM*. Publicado em 6 de novembro de 2024. Disponível em: <https://redegeronto.com.br/2024/11/06/quase-10-mil-pessoas-com-mais-de-60-anos-estao-fazendo-o-enem/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

3 UM NOVO CAPÍTULO: A EXPERIÊNCIA DO INGRESSO NA UNIVERSIDADE

Os benefícios de ingressar na universidade na terceira idade vão muito além do aprendizado acadêmico. A convivência com colegas de diferentes gerações, especialmente os mais jovens, enriquece a experiência, ampliando redes de contato e ajudando a combater o isolamento social. Esse ambiente de troca e interação oferece oportunidades não apenas para aprender, mas também para compartilhar vivências, o que torna a jornada ainda mais significativa.

Por muitos anos, a ideia de que o Ensino Superior era exclusivo para os mais jovens predominou, levando muitas pessoas em fases mais maduras da vida a descartarem a possibilidade de retomar os estudos. Contudo, com o passar do tempo, novos olhares sobre o envelhecimento e a educação começaram a ganhar espaço. Silveira et al. (2011, p. 25) destacam: "Pensar na concepção de novas possibilidades pela educação exige rejeitar preconceitos ainda existentes de que pessoas idosas não precisam e não conseguem aprender."

Refletindo sobre as transformações que moldaram minha forma de pensar e agir em relação à vida, decidi me permitir algo novo: ingressar na universidade. Essa escolha não foi apenas uma busca por aprendizado, mas também um investimento na minha saúde física e mental. A educação, para mim, tornou-se um caminho de autodescoberta e renovação, um meio de concretizar sonhos que, por muito tempo, pareciam distantes.

Entretanto, os desafios dessa jornada foram inevitáveis, a sensação inicial de desconexão com o ambiente acadêmico, o receio de não acompanhar o ritmo da turma e a incerteza sobre como lidar com as diferenças geracionais eram barreiras reais. Havia uma tendência ao isolamento, fruto de inseguranças comuns a quem está se aventurando em um espaço onde as referências geracionais são tão distintas.

Apesar disso, vivemos hoje uma era que nos convida a rever a ideia de que "é tarde demais". Compreender que temos mais tempo e possibilidades para realizar nossos próprios sonhos é libertador. Assim, superar esses desafios se tornou não apenas uma necessidade, mas uma prova de que nunca é tarde para recomeçar e criar novas histórias de aprendizado e realização.

Neste capítulo, compartilho a jornada de transição do ensino médio para a

universidade, um processo repleto de expectativas, medos e descobertas. Ao adentrar esse novo mundo acadêmico, não apenas enfrentei os desafios típicos dessa fase, mas também me vi diante de questões que iam além dos estudos, como a adaptação a um novo ambiente, a convivência com colegas de diferentes idades e histórias de vida, e a necessidade de redefinir meus próprios objetivos. A universidade, para mim, não foi apenas o local de aprendizagem formal, mas um espaço de autoconhecimento, amadurecimento e ressignificação de antigas crenças.

3.1 O despertar acadêmico: minha entrada na universidade em meio ao contexto de pandemia

Durante esta caminhada, precisei me dedicar intensamente para chegar até aqui. Hoje, ao olhar para trás, vejo que todo esforço valeu a pena. Ser esposa, mãe, avó, sogra e, agora, universitária, demonstra que sempre é possível aprender mais e colher os frutos dessa dedicação.

As razões para retornar aos estudos na terceira idade são inúmeras e vão além da busca pelo conhecimento acadêmico. Tenho a certeza de que superar os desafios e inconvenientes para iniciar a graduação é uma decisão que transforma vidas. Independentemente do estágio da vida, ingressar no Ensino Superior representa uma oportunidade única de ampliar horizontes. É um momento de aprofundar conhecimentos já adquiridos na prática ou de se abrir a novas experiências. Isso, por si só, é suficiente para me convencer de que fiz a escolha certa.

Conforme Silveira et al. (2011), o ser humano é compreendido como alguém em constante construção ao longo de sua existência, com o direito e a responsabilidade de transformar-se, o que ressalta a relevância e o significado da educação nesse processo.

Ainda assim, a jornada acadêmica não é isenta de desafios. São muitos os momentos de desmotivação e instabilidade, tanto pelas experiências vividas quanto pelas interações com outros, que podem, em alguns momentos, trazer uma percepção diferente daquela idealizada inicialmente. Contudo, é justamente enfrentando essas dificuldades que o aprendizado se torna ainda mais significativo, reafirmando o poder transformador da educação ao longo de toda a vida.

No dia 20 de março de 2020, aos 56 anos, realizei minha matrícula no curso

de Licenciatura em Ciências Humanas na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Campus São Borja. Também havia tentado uma vaga em Direito na URI, em Santo Ângelo, mas, não obtive a classificação necessária pelo ProUni.

Poucos dias depois, acompanhei a chamada da Unipampa e, para minha imensa alegria — e até certa incredulidade — vi meu nome na lista da 1ª chamada. A emoção foi indescritível. Imediatamente corri para contar a novidade ao meu marido e aos meus filhos, que, para minha surpresa, nem sequer sabiam que eu havia feito o ENEM. Foi um momento repleto de celebrações e elogios por eu ter conquistado uma vaga em uma universidade federal.

A partir desse dia, começou uma nova etapa em minha vida. Foi um período marcado por muitas dúvidas, questões a resolver e decisões a tomar. Até então, minha experiência com a universidade havia sido exclusivamente como mãe, acompanhando as trajetórias acadêmicas dos meus filhos. Nunca imaginei que eu mesma viveria algo assim.

O processo inicial envolveu reunir os documentos necessários para efetivar a matrícula. No entanto, junto com a empolgação, vieram momentos de indecisão e receio. Perguntava-me se estava fazendo a escolha certa, temendo não conseguir me adaptar ao ambiente acadêmico ou acompanhar o ritmo desse novo desafio. Ainda assim, encarei essa experiência como uma oportunidade única, que marcaria o início de uma etapa repleta de aprendizados e superações.

De forma unânime, minha família me encorajou a continuar e enfrentar os desafios dessa nova etapa. Eles acreditavam firmemente em minha capacidade de obter êxito nessa caminhada, o que me deu forças para seguir em frente.

Então, chegou o tão esperado primeiro dia de aula na faculdade. A ansiedade tomou conta, acompanhada do suor frio, emoções familiares devido ao diagnóstico de depressão e síndrome do pânico, que nessas situações tendem a se intensificar. Apesar disso, segui firme. Durante essa trajetória, precisei me dedicar muito para chegar até aqui. Hoje, percebo que todo o esforço valeu a pena. Além de ser esposa, mãe, avó, sogra e, agora, universitária, continuo aprendendo e colhendo os frutos dessa jornada.

Iniciei a graduação em 2019, mas logo enfrentei um desafio inesperado: a pandemia. As aulas passaram a ser realizadas online, introduzindo uma nova barreira — o acesso às plataformas digitais, que eram novidade não só para mim, mas também para os professores. Todas as noites havia relatos de colegas

enfrentando dificuldades para acessar as aulas, seja por falta de familiaridade com os sistemas ou por problemas de conexão. Até mesmo os docentes, muitas vezes, enfrentavam oscilações na internet e limitações no uso de materiais, comprometendo o processo de ensino e aprendizagem. Por quatro semestres, essas dificuldades geraram desconforto e, em alguns casos, até mesmo desistências.

Apesar dos desafios, estar na universidade também trouxe grandes benefícios. Enfrentar o novo me permitiu ampliar minha rede social e interagir com pessoas de fora do meu círculo familiar, tornando minha vida social mais ativa e dinâmica. Além disso, o diálogo com diferentes gerações proporcionou uma rica troca de experiências, oferecendo uma oportunidade única de aprendizado mútuo e crescimento pessoal.

Mesmo diante de desafios e medos a serem superados, a vontade de voltar à sala de aula foi determinante para minha decisão. Comparando os obstáculos com os inúmeros benefícios proporcionados pela educação, não restam dúvidas de que essa foi a melhor escolha que poderia ter feito.

Essa perspectiva está alinhada ao que Ireland (2019) destaca no artigo *“Educação ao Longo da Vida: Aprendendo a Viver Melhor”*. Segundo o autor, a educação é um processo contínuo, essencial em todas as etapas da existência humana, funcionando como um guia para decisões mais humanistas e conscientes.

Ireland (2019) apresenta uma teoria que integra educação e vida, ressaltando que ambas são inseparáveis. A educação, nesse sentido, é fundamental para nos ensinar a viver de forma mais plena e significativa. Além disso, o autor aponta que a crescente complexidade da vida moderna alterou profundamente a maneira como pensamos sobre a educação. Mudanças estruturais no mercado de trabalho, impulsionadas por avanços científicos e tecnológicos, tornaram a qualificação contínua uma necessidade inescapável.

Essa abordagem reforça minha convicção de que buscar conhecimento em qualquer fase da vida não é apenas uma oportunidade, mas também um caminho para nos adaptarmos às transformações e vivermos de maneira mais realizada e integrada com as demandas do mundo contemporâneo.

3.2 Entre expectativas e realidades: primeiras Impressões da universidade

A vida universitária não é como nos filmes (e, acredite, em muitos casos, isso é uma vantagem). Na ficção, os estudantes são frequentemente retratados como pessoas que passam mais tempo em festas e, por vezes, agem de maneira inconsequente. No entanto, a realidade da vida acadêmica é bem diferente: trata-se de uma jornada de autodescoberta e crescimento, na qual os alunos têm a oportunidade de explorar seus interesses e se preparar para os desafios do mundo real. É uma experiência que visa expandir horizontes e aprofundar o entendimento sobre o mundo, tornando todas as vivências dentro e fora da universidade ainda mais enriquecedoras.

Proporcionar aos mais velhos um ambiente de aprendizado culturalmente estimulante, com foco na revisão dos estereótipos relacionados à velhice, mostrando que as pessoas mais velhas podem ser ativas, saudáveis e socialmente engajadas, favorece uma inclusão positiva no meio universitário

Trazer para os bancos universitários um segmento da população que ainda é minoritário é fundamental, mas mais do que isso, é essencial porque enriquece o ambiente acadêmico, tornando-o mais diverso e contribuindo para combater o etarismo, que infelizmente ainda persiste na sociedade e, principalmente, no mercado de trabalho. Frequentar um ambiente predominantemente jovem exige, inicialmente, algum tipo de adaptação. Contudo, o convívio entre diferentes gerações promove trocas enriquecedoras tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos. Essa sensação foi particularmente forte ao retornar ao ambiente presencial, após quase dois anos de convivência exclusivamente online. No início, as aulas presenciais ocorreram apenas uma vez por semana, com uma disciplina.

Na primeira reunião, fui recebida de maneira calorosa e amistosa, com conversas animadas e empolgantes. No segundo encontro, já era possível perceber a formação de grupos e as dinâmicas de empatia e distanciamento entre os colegas. Para mim, o mais importante foi perceber que ter um espaço para se expressar é tão essencial quanto saber ouvir, além de compreender os diferentes olhares e pontos de vista, sempre respeitando a diversidade. Nesse processo, minha adaptação foi um fator crucial para facilitar o convívio com meus colegas, pois, no dia a dia, a idade não importa; sempre podemos aprender uns com os outros, independentemente de sermos mais velhos ou mais novos.

Como destaca Mendes (2016, p. 16), "O exercício de nos relacionarmos com os outros é também a aptidão de gerir emoções, que está na base do sucesso, da liderança e da eficácia interpessoal."

3.3 Enfrentando barreiras e desafios: estigmas e preconceitos na Jornada universitária

Sou uma pessoa de fácil acesso e adaptação, mas, mesmo assim, a ansiedade e as expectativas pairavam sobre como seria o encontro com os colegas. Como foi mencionado anteriormente, foi perceptível a formação dos grupos. A turma era composta por colegas de idades menores, próximas e também superiores à minha.

Apesar disso, não me senti muito diferente, pois sou uma pessoa de fácil comunicação e procuro a aproximação. Mesmo sentindo certo distanciamento de alguns, insisto com a minha presença, buscando entrosamento com o maior número de pessoas. Admito que não foi fácil; embora me mostrasse aberta para as novidades, houve momentos em que me senti excluída de certas situações. Nesses momentos, questionamentos surgiam e dúvidas pairavam na minha mente: *Deveria eu estar ali? Esse lugar estava sendo positivo ou negativo para a minha saúde mental? Estaria eu, de fato, forçando uma situação que não me traria melhorias significativas para minha vida?*

Foram tantos questionamentos e desmotivações, mas, como me considero uma pessoa que luta pelos meus ideais, dei continuidade e o semestre transcorreu bem. Pela primeira vez, tivemos a oportunidade de apresentar um trabalho presencial e individual. Aproveitei a ocasião para apresentar um trabalho que oportunizou questionar os colegas, instigando-os sobre empatia, tolerância e a boa convivência com as diferenças, sendo bem-sucedida nesse propósito.

Após essa dinâmica, percebi que alguns colegas, mesmo de forma lenta, começaram a me tratar de maneira mais cordial, inserindo-me mais em sua companhia. Esse primeiro contato presencial foi o primeiro passo para mostrar que eu estava ali nas mesmas condições, com as mesmas obrigações, percepções e buscando aprendizado, assim como todos ali presentes, independentemente da idade.

A ideia de Fruett (2015, p. 63) afirma:

Na envelhecimento, descobre-se que os excessos se tornam nocivos tanto para a mente quanto para o corpo, que passa a não tolerar nem certas comidas, nem certas bebidas, nem tampouco certas exigências e cobranças, tanto internas quanto externas. O respeito aos limites próprios e dos demais produz no sujeito uma tolerância que raramente é vista nos mais jovens.

Desde que iniciei a graduação, independentemente de muitas vezes precisar da ajuda dos filhos para entender e ter acesso às plataformas usadas para fazer e enviar os trabalhos, não vou negar que, por várias vezes, sofri, chorei e até cogitei a possibilidade de nunca conseguir fazer isso sozinha. A maior dificuldade era que a ajuda vinha de longe, pois meus filhos estavam à distância. Mas o tempo foi passando, o uso diário e a prática foram tornando tudo mais leve, e eu já estava dominando a situação. Até aqui, minhas notas desde o início foram ótimas, resultado de muito esforço e dedicação aos estudos.

A partir do semestre seguinte, já com a liberação total das aulas presenciais, a convivência com os colegas e professores se tornou diária, proporcionando a oportunidade de conhecer pessoalmente outros professores que até então só conhecíamos online. Nesse momento, posso afirmar que estava vivendo a realização de uma perspectiva da realidade universitária. Estava vivenciando experiências e situações que iam além da minha imaginação.

Às vezes, percebia atitudes e insinuações discretas, direcionadas a mim e a alguns colegas próximos da minha faixa etária, ou igual, com a intenção de nos excluir de alguns trabalhos em grupo, já formando equipes e nos deixando de fora. Nessa percepção, atitudes levianas eram rotineiras, como, por exemplo, quando precisavam esclarecer dúvidas sobre disciplinas, conteúdos, metodologias, etc. Essas dúvidas eram solicitadas aos mais jovens, desconsiderando que eu poderia estar mais informada do que eles. Uma das minhas metas, entre outras, era me preparar, estudar e buscar informações em todos os sentidos, porque sabia que em algum momento poderia ser útil e mostrar que era tão capaz quanto qualquer um deles.

No início, eu ficava chateada e magoada. Então, resolvi tomar uma atitude radical: dar o meu melhor e fazê-los mudar de ideia, reconhecendo minha capacidade. Tive êxito nessa postura, e aos poucos, até convites para fazer trabalhos juntos começaram a surgir de alguns colegas. Apesar dessas indiferenças, o que sempre prevaleceu foi o respeito e até certa admiração dos professores para

comigo. A melhor percepção foi de que eles não me tratavam de forma diferente dos outros alunos, dando-me a oportunidade de me entrosar e mostrar minha presença de igual para igual.

Neste contexto, destaca-se *Longeviver: O Inconsciente no Declínio da Vida*, escrito por Fruett (2015). No livro, a autora ressalta as fases do envelhecimento e mostra que, mesmo com os empecilhos referentes aos limites da idade, é possível buscar a convivência pacífica e harmoniosa com outras gerações, respeitando suas individualidades. A autora também destaca o "universo subjetivo da geração", abordando a vivência de uma geração que, ao envelhecer, é desafiada a conviver com situações que antes discordava, mas que começam a fazer sentido em seu momento de vida. Entende-se que o livro é relevante, pois salienta que a maneira de receber a velhice passa por muitas dimensões e destaca a possibilidade de se ter uma velhice com participação social, o que pode contribuir para as trocas de conhecimentos entre diferentes gerações, assim como dentro de seus núcleos familiares e de amizade.

Dando continuidade ao meu relato, por solicitação médica, fui fazer exames para obter mais precisão. Realizei uma tomografia de crânio sem contraste e, para minha surpresa, o laudo revelou evidência de área de encefalomalácia (AVC antigo) no hemisfério cerebral direito, além de uma redução volumétrica encefálica. Foi então que se percebeu que aquela primeira situação ocorrida anos atrás, quando saí do hospital sem um diagnóstico comprovado, estava, naquele momento, sendo diagnosticada. A partir daí, começou outra luta, em busca do tempo perdido, para obter um tratamento adequado, no qual não correria mais o risco de ter risco de vida novamente.

Em face do cenário atual, sinto gratidão por estar vivenciando este momento, pois, apesar de não ter recebido o diagnóstico correto no momento certo, não houve danos maiores. O fato de estar viva, sem sequelas, já é uma vitória. Além disso, tenho a oportunidade de estar concluindo uma graduação, o que representa uma conquista pessoal significativa e uma prova de superação diante dos desafios que enfrentei ao longo dessa jornada.

4 MARCAS DO PERCURSO: A EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM CIÊNCIAS HUMANAS

Este capítulo busca refletir sobre a trajetória vivenciada durante a formação em Ciências Humanas, abordando as experiências, os desafios e os aprendizados que marcaram esse percurso. Ao longo dessa caminhada acadêmica, diversos aspectos de minha vida pessoal e profissional se entrelaçam, ampliando minha compreensão sobre o mundo, sobre o conhecimento e, principalmente, sobre mim mesma.

As marcas desse percurso não se limitam aos conteúdos teóricos ou aos conhecimentos adquiridos, mas também aos processos de transformação interna, às adversidades enfrentadas e às vitórias conquistadas. Este capítulo é, portanto, uma oportunidade de revisitar e dar voz a essas experiências, que não só contribuíram para a construção do meu saber acadêmico, mas também para o fortalecimento da minha identidade enquanto pessoa e profissional.

4.1 PIBID, RP, estágio e outras vivências: catalisadores de superação no meu percurso acadêmico

Em 2019, durante a pandemia, enquanto cursava o terceiro semestre da graduação, comecei minha trajetória como bolsista de iniciação científica no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) na Escola Estadual de Ensino Médio Aparício Silva Rillo. Devido às circunstâncias da pandemia, não houve encontros presenciais, e todas as atividades aconteceram de forma online, o que nos desafiou a sermos flexíveis e adaptáveis, considerando as diretrizes do ensino híbrido.

Embora as circunstâncias fossem desafiadoras, compreendi a relevância do PIBID para minha formação acadêmica e profissional. A orientação de professores altamente qualificados e experientes foi fundamental para o meu crescimento, proporcionando um ambiente de aprendizado contínuo. A experiência me ajudou a me preparar para os desafios da docência, permitindo-me desenvolver autoconfiança, adquirir novos conhecimentos e a certeza de que estava no caminho certo, superando obstáculos e evoluindo a cada etapa.

O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) é um

programa vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foi criado em resposta à necessidade de aperfeiçoamento da formação de professores, sendo desencadeado após a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Segundo Ambrosetti et al. (2013, p. 18), "Além das consequências positivas para a formação dos licenciados, a convivência dos parceiros no PIBID é transformadora também para as instituições envolvidas."

No quinto semestre, surgiram as inscrições para o Programa de Residência, e, com meu temperamento desafiador, decidi me inscrever para ver o que poderia resultar dessa experiência. Fui classificada e, finalmente, tive a tão esperada oportunidade de vivenciar o cotidiano de uma sala de aula. Em 2022, iniciei minha experiência no Programa de Residência Pedagógica, participando de reuniões e orientações presenciais na universidade. No início, minha função foi observar as turmas com as quais começaria a minha experiência docente e, na semana seguinte, já estava à frente dessas turmas, conduzindo o trabalho de forma independente ao longo dos três módulos do programa. Essa jornada foi desafiadora, repleta de momentos de nervosismo e tensão, mas também de superação, com cada aula representando uma etapa indescritível de crescimento. Durante esse período, percebi o quanto a vivência prática é valiosa no desenvolvimento, tanto profissional quanto humano, do futuro docente.

O Programa de Residência Pedagógica visa o aperfeiçoamento do estágio curricular supervisionado, proporcionando ao licenciado autonomia na regência da sala de aula e na intervenção pedagógica. Completei os 18 meses do programa, passando por três módulos em uma única escola. A imersão na sala de aula, antes mesmo de assumir a regência, me proporcionou uma valiosa oportunidade de observar os comportamentos, as dificuldades e as qualidades das turmas, o que facilitou o planejamento das minhas aulas e contribuiu para a articulação entre a teoria e a prática educacional. Foi durante essa experiência que compreendi empiricamente a importância da vivência prática para a formação de um profissional de qualidade.

Durante esse período, dividi meu tempo entre as disciplinas da faculdade, reuniões pedagógicas, planos de aula do programa e as aulas na escola. No decorrer dos semestres, surgiu o estágio de História, realizado no Instituto Estadual Padre Francisco Garcia, com as mesmas turmas que eu acompanhava no Programa

de Residência. A aceitação foi boa, já que já estava inserida na escola. Contudo, é perceptível que há um tratamento diferenciado entre residentes e estagiários: os residentes têm mais liberdade e autonomia, enquanto os estagiários são supervisionados e avaliados.

Como afirmam Silva e Gaspar (2018), a formação e capacitação do futuro professor não podem se limitar apenas ao campo teórico, sendo imprescindível o contato efetivo com a prática do ensino em sua área de formação.

No oitavo semestre, enfrentei o tão temido TCC I. Foram dias de muito nervosismo, choro e noites sem dormir. Meus filhos, que já haviam passado por essa experiência, me acolheram e me orientaram nos passos a seguir. Em alguns momentos de desespero, até cogitei desistir, mas a força para seguir em frente veio da minha persistência e do apoio familiar. Em meio a tudo isso, me deparei com colegas que cogitaram pagar para alguém fazer seu TCC. Isso me fez refletir sobre a falta de comprometimento e o julgamento de inferioridade que algumas pessoas têm, demonstrando que, para elas, a graduação não é uma busca por conhecimento, mas apenas um meio para obter um diploma.

Para mim, essa foi mais uma etapa vencida, com a graça de Deus e a ajuda dos meus filhos mais novos, que sempre estiveram ao meu lado. Segui em frente com a graduação, com seus altos e baixos, mas saindo melhor do que o esperado.

A graduação oferece experiências que vão além da simples obtenção do diploma. São vivências que marcam a vida de qualquer universitário e podem ser ainda mais intensas para aqueles que já têm mais idade. A vida em sociedade é fundamental, pois viver em grupo nos possibilita aprender formas de comunicação, regras de convivência e a construção da nossa identidade. No contexto universitário, essas experiências se ampliam, incluindo programas como o PIBID, a Residência Pedagógica e os estágios obrigatórios, que enriqueceram minha bagagem acadêmica e proporcionaram até encontros com outros residentes em Uruguaiana.

Iniciei meu primeiro estágio obrigatório de História enquanto ainda participava do Programa de Residência Pedagógica, na mesma escola onde estava, o Instituto Estadual Padre Francisco Garcia. Como já possuía experiência com a residência, aproveitei essa oportunidade para reaproveitar o módulo de estágio de Geografia, que teve duração de 45 dias e ocorreu no ensino fundamental. Em seguida, realizei o estágio de Sociologia no Colégio Estadual Getúlio Vargas, um novo desafio, pois

era uma escola diferente, com novos professores, alunos e normas. Esse estágio foi realizado com alunos do primeiro ano do ensino médio, e, mais uma vez, superei os desafios.

O estágio de Filosofia foi o último, realizado na mesma escola, também com alunos do ensino médio. Para mim, o estágio é um passo essencial para a formação de qualquer profissional, pois permite conhecer e interagir com a diversidade de seu campo de atuação.

A seguir, apresento algumas fotografias que ilustram momentos mais emblemáticos desse período, instantes que ficaram gravados não apenas na memória, mas também em imagem, como um registro de aprendizado e crescimento.

Figura 1 – Apresentação do primeiro trabalho após a pandemia



Fonte: Acervo pessoal

Figura 2 - Viagem para participação no encontro dos programas PIBID e Residência Pedagógica.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 3 - Apresentação do TCC I



Fonte: Acervo pessoal

Figura 4 - Estágio de Filosofia



Fonte: Acervo pessoal

Como aponta Rhoden (2018, p. 24) na introdução de sua tese, “a fotografia é memória, fonte histórica, um monumento e um documento que, na medida em que se relaciona com a nossa trajetória pessoal e profissional, se constitui e abre possibilidade de análise e permissão para o diálogo com ela”. Por isso, lembrar pela imagem, as fotografias, para mim, têm um sentido pessoal. Essa conexão entre memória e imagem se torna ainda mais significativa quando penso na minha experiência, nesses momentos que marcaram profundamente minha formação. São vários instantes que ficaram gravados não apenas na memória, mas também em imagem, como um registro de aprendizado e crescimento.

5 REFLEXÕES SOBRE A MINHA FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS - LICENCIATURA E O FUTURO

O processo formativo e educacional vai além da simples transmissão de conhecimentos ou conteúdos disciplinares. Entendo que as Ciências Humanas desempenham um papel crucial ao fornecer subsídios para que os educandos possam entender as relações interpessoais, as dinâmicas culturais e os conflitos sociais.

Entre tantas opções de graduação, a escolha pela Licenciatura em Ciências Humanas foi motivada por um fio condutor que sempre esteve presente em minha vida. Desde pequena, nutria vontades e desejos de seguir essa carreira, mas, com as mudanças e os descaminhos que a vida nos impõe, muitas vezes nossos objetivos e sonhos são adiados.

Em um primeiro momento, a graduação foi vista apenas como uma forma de adquirir um diploma, mas, ao longo do tempo, com as experiências vividas durante o curso, meu interesse e envolvimento pelo ensino superior aumentou. Passei a considerar cada vez mais a possibilidade de seguir com os estudos e na profissão de docente. Nesse contexto, os estágios foram fundamentais, pois me permitiram interagir com professores de várias disciplinas, que frequentemente me convidavam para substituí-los.

Ser professora não é uma tarefa fácil. Sabemos das dificuldades e desafios que a profissão impõe, mas também existem várias razões para cultivar um pensamento positivo em relação a ela, como a possibilidade de despertar sonhos e influenciar comportamentos.

De acordo com Fruett (2015, p. 75),

Os projetos de vida para quem se encontra na travessia do declínio são diferentes daqueles lá no início da vida adulta, tais como estabelecer seu lugar social, conquistar bens, formar família etc. Os que envelhecem passam a buscar significados mais existenciais e suas necessidades de realização resgatam aquilo que ficou esperando para ser satisfeito. É o tempo que desabrocham as mais incríveis vocações.

Essa citação reflete profundamente a ideia de que, ao longo da vida, a busca por propósito e realização pode se intensificar, especialmente quando se chega a uma fase de amadurecimento. Para mim, a decisão de seguir a educação e, especificamente, a docência, foi uma jornada de autodescoberta que, com o tempo,

se tornou mais do que uma profissão, passou a ser uma verdadeira escolha e vocação.

5.1 Desafiando estigmas: a educação não tem idade

Em julho de 2022, fui fazer o exame preventivo anual. A princípio, os resultados preliminares deram ok, mas apenas depois de trinta a sessenta dias teria o resultado final. O laboratório me informou que entrariam em contato quando o resultado estivesse pronto. O tempo foi passando, e acabei esquecendo. No entanto, depois de um tempo, decidi investigar o motivo de não ter recebido nenhum aviso, e recebi várias explicações desconexas.

No dia 18 de janeiro de 2023, durante a consulta para levar o resultado do exame, relatei à médica que minha menopausa havia começado aos 48 anos, mas, após nove anos, meu ciclo menstrual havia retornado. Ao ouvir meu relato, a médica abriu o exame e informou que havia alterações significativas nos resultados, recomendando novos exames para uma avaliação mais precisa. Foi solicitado um exame de US Transvaginal, que confirmou um espessamento endometrial.

Diante do diagnóstico, ela solicitou mais exames para confirmação. Em março de 2023, a confirmação foi obtida e, a partir disso, a luta começou. Após a realização de mais exames, fui encaminhada para uma consulta com uma especialista em ginecologia e histeroscopia na cidade de Porto Alegre, marcada para o dia 13 de julho de 2023. Lá, o diagnóstico de Hiperplasia Glandular Endometrial foi confirmado. O laudo indicava que o encaminhamento para Porto Alegre foi devido à impossibilidade técnica de realizar o procedimento de histeroscopia no hospital local.

A especialista solicitou novos exames, que foram realizados no dia 28 de julho, com outro retorno a Porto Alegre marcado para o dia 27. Após a realização dos exames, retornei a São Borja e o resultado saiu no dia 3 de agosto. Com isso, várias idas e vindas aconteceram até que, finalmente, a cirurgia foi marcada para o dia 31 de outubro de 2023, às 10h32. Antes da cirurgia, passei por diversos exames para avaliar minha aptidão para a anestesia geral, devido aos meus históricos de hipertensão, diabetes e AVC. A cirurgia transcorreu bem e, após cuidados pós-operatórios, voltei para Porto Alegre em 30 dias para realizar novos exames e saber o resultado do procedimento. No entanto, a notícia foi frustrante: seria necessário realizar outro procedimento. Esse novo procedimento já estava agendado para o dia 26 de junho de 2024.

Apesar de toda a angústia e incerteza, continuei minha jornada acadêmica, enfrentando desafios e realizando atividades do estágio de Filosofia com dedicação. Quando o momento de realizar o novo procedimento chegou, tentei manter a calma, mas, durante o procedimento, complicações tornaram a recuperação mais difícil e demorada. No entanto, continuei a enfrentar as adversidades, com fé e resiliência, em busca de respostas para minha saúde.

Após o procedimento, tive uma consulta no dia 3 de agosto, onde a médica me informou que os exames ainda apresentavam resultados pendentes, e que eu precisaria procurar outro especialista para continuar a busca por um diagnóstico mais preciso. Esse momento me fez refletir sobre como a vida, muitas vezes, nos testa com contratempos para testar nossa força e fé. Agora, inicio uma nova etapa dessa jornada, com a certeza de que todos os desafios servem para nos fortalecer.

Ao refletir sobre a decisão de ingressar no ensino superior aos 55 anos, posso afirmar que foi um desejo oculto que se manifestou no momento certo, mesmo que eu tivesse outras prioridades ao longo da vida, como minha família, pela qual sou profundamente grata. Este processo de busca pela educação também foi um resgate de minha autoestima, permitindo-me testar minha capacidade intelectual e enfrentar medos ocultos, enquanto continuo a enfrentar desafios na saúde, mas com a certeza de que tudo isso contribui para meu crescimento.

No momento deste relato, ainda não terminei minha graduação, mas com a determinação que me trouxe até aqui, estou confiante de que superarei mais este desafio em minha vida. Como menciona Maria Montessori, "O ensino é uma ferramenta para a vida, e o aprendizado não tem idade. A educação deve ser uma paixão constante e um desafio, independentemente da fase em que nos encontramos." (MONTESSORI, 2018). Ademais, como aponta Fruett (2015) os que envelhecem passam a buscar significados mais existenciais e suas necessidades de realização resgatam aquilo que ficou esperando para ser satisfeito. É o tempo que desabrocham as mais incríveis vocações." Com fé e resiliência, continuo minha caminhada na educação, acreditando que a educação não tem idade e que nunca é tarde para resgatar sonhos e realizar vocações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) é um relato autobiográfico que narra minha trajetória de ingresso no curso de Ciências Humanas – Licenciatura aos 56 anos e as experiências vividas até os 60 anos. Ao abordar as dificuldades e conquistas ao longo dessa jornada, o trabalho refletiu sobre os estigmas do envelhecimento no contexto acadêmico e destacou a importância da educação permanente e do envelhecimento ativo. Através dessa análise, busquei questionar e desafiar as expectativas sobre a educação para pessoas mais velhas, evidenciando que o direito à educação é essencial em todas as fases da vida.

O relato de minha trajetória não se limita apenas a lembrar momentos passados, mas busca também refletir sobre as motivações e superações que me levaram a tomar a decisão de retornar à universidade após um período afastada da educação formal. A participação em programas como o PIBID, a Residência Pedagógica e os estágios supervisionados foram fundamentais para minha formação acadêmica, ampliando minha visão sobre o ensino e fortalecendo minha identidade como futura educadora. Esses momentos de vivência prática permitiram a concretização de um aprendizado transformador, muito além das paredes da sala de aula.

A metodologia autobiográfica foi uma escolha essencial para dar voz a essas vivências e reinterpretar os significados de cada etapa dessa jornada. Ao escrever este memorial, pude revisitar momentos decisivos, refletindo sobre como a educação superior se mostrou uma ferramenta poderosa de transformação e reinvenção, independentemente da fase da vida. O trabalho não só reafirma a importância do ensino como uma continuidade, mas também me proporcionou uma reflexão profunda sobre a importância de envelhecer de forma ativa.

Ao refletir sobre o processo vivido, é evidente que a universidade, embora seja um espaço transformador, ainda carece de estruturas que favoreçam a inclusão de **"pessoas em fases mais avançadas da vida"**. As dificuldades que enfrentei, como a adaptação às normas acadêmicas e a conciliação com as responsabilidades familiares, são desafios comuns em qualquer contexto de inserção em novos ambientes. No entanto, o fato de ser uma pessoa mais velha trouxe desafios

específicos, que evidenciam a necessidade de práticas institucionais mais inclusivas, capazes de oferecer suporte adequado para a permanência de estudantes adultos mais velhos e idosos no ensino superior.

Políticas voltadas para a educação tardia, seja na adultez plena ou na velhice, são essenciais para promover a inclusão e a igualdade de oportunidades na universidade. Essas medidas garantem que pessoas em diferentes fases da vida possam acessar o ensino superior, rompendo barreiras como o preconceito etário e a desvalorização da experiência de vida. Além disso, ao apoiar esses indivíduos, as universidades não apenas ampliam o acesso ao conhecimento, mas também enriquecem o ambiente acadêmico, promovendo a convivência entre estudantes de diferentes idades e trajetórias. Tais iniciativas refletem o compromisso institucional com a formação integral, reconhecendo que o aprendizado é um processo contínuo e que a educação é um direito fundamental em qualquer etapa da vida.

Este trabalho busca, portanto, ser uma inspiração para que outras pessoas em fases mais avançadas da vida se sintam encorajadas a ingressar na educação superior e a explorar as possibilidades de transformação pessoal que ela pode oferecer, independentemente da idade. A experiência compartilhada neste estudo demonstra que nunca é tarde para recomeçar. A educação, como um processo contínuo, pode ser uma poderosa ferramenta para um envelhecimento mais saudável, participativo e gratificante.

REFERÊNCIAS

_____. Metamemória-memórias: memoriais rememorados/narrados/refletidos em seminário de investigação-formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal: Editora da UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.p. 153-179.

_____. Pesquisa (auto)biográfica: tempo, memória e narrativas. In: _____ (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-224.

_____; MAURÍCIO, Lúcia Velloso. Histórias de vida e práticas de formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **(Auto)biografia: formação, territórios e saberes**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 253-271.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação**. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio-ago. 2011.

AMBROSETTI, N. B.; NASCIMENTO, M. das G. C. de A.; ALMEIDA, P. A.; CALIL, A. M. G. C.; PASSOS, L. F. **Contribuições do PIBID para a formação inicial de professores**. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, MG, v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoem perspectiva/article/view/6615>. Acesso em: 18 nov. 2024.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica**. *Educação*, Porto Alegre, 34, n. 2, p. 157-164, maio-ago. 2011. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-2582201100020005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 18 nov. 2024.

CALLIGARIS, C. **Verdades de autobiografias e diários íntimos**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, v. II, n. 21, 1998.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

FRUETT, A. C. **Longeviver: O inconsciente no declínio da vida**. 1. ed. Fortaleza: Premius, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IRELAND, T. D. **Educação ao Longo da Vida: Aprendendo a Viver Melhor**.

Sisyphus – Journal of Education, vol. 7, núm. 2, 2019, p. 48-64. Universidade de Lisboa. Portugal. Disponível em

<https://www.redalyc.org/journal/5757/575763749004/html/>. Acesso em 14 nov. 2024

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. *Revista Educação*, ano XXX, p. 413-438, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência e vida e formação**. 2º Ed. revistae ampl. Natal, EDUFRN; São Paulo, Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica). Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

LEITE, Semar Ferreira. **Trajetórias formativas dos egressos da EJA na educação superior privada a distância**, 2022. 87 f. Orientadora: Érica Valéria Alves Ferreira. Dissertação (Mestrado em Educação de Jovens e Adultos) – Departamento de Educação (DEDC), Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Salvador, 2022.

LUCCHESI, Fátima; MACEDO, Paula Costa Mosca; MARCO, Mario Alfredo De. **Saúde Mental na Unidade de Terapia Intensiva**. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 19-30, 2008. DOI: 10.57167/Rev-SBPH.11.174. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/174>. Acesso em: 24 nov. 2024.

MEDEIROS, Jaqueline Knupp. **Intergeracionalidade da violência intrafamiliar: um estudo de casos múltiplos**. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16245>. Acesso em 23 de nov. de 2024.

MENDES, T. **De Adulto Emergente a Adulto de Meia-Idade: Estudo das relações entre Inteligência Emocional, Bem-Estar Subjetivo, Confiança Interpessoal e Saúde Mental**. Dissertação de Mestrado em Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento não publicada, apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, 2002.

MONTESSORI, M. **A formação do homem**. Tradução de Sonia Maria Braga. Campinas: Kíron, 2018.

PASSEGGI, Maria (org.). **Memorial acadêmico: gênero, injunção institucional, sedução autobiográfica**. Natal: UFRN, 2011. p. 19-39.

PASSEGGI, Maria Conceição. Narrar é humano: autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria Conceição; SILVA, Vivian Batista da. **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

PATIAS, Naiane Dapieve; FONTINEL, Michelle Irineu; JAEGER, Fernanda Pires. **Quando os Filhos saem de Casa e o “Ninho Fica Vazio: A Visão do Casal Sobre o Fenômeno**. 2012. p. 168.

PEREIRA, L. M. L. **Reflexões sobre história de vida, biografias e autobiografias**. *História Oral*, [S. l.], v. 3, 2009. DOI: 10.51880/ho.v3i0.26. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/26>. Acesso em: 11 set. 2024.

RHODEN, Juliana Lima Moreira. **Professor Voluntário: O Ciclo Da Longedocência No Ensino Superior**. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/20540>. Acesso em: 22 set. 2024.

SILVA, da Vanessa et al. **A importância do Suporte familiar nos pacientes do Caps**. In: semana da Enfermagem 2022. Anais eletrônicos, Juara- MT, 2022.

Disponível em:

<https://eventos.ajes.edu.br/semana-enfermagem-juara/uploads/arquivos/> .Acesso em 23 de nov. de 2024.

SILVA, Haíla Ivanilda; GASPAR, Mônica. **Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia**. *R. Bras. Est. Pedag.*, Brasília, v. 99, n. 251, p. 205-221, abr. 2018 .

Disponível em

<http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812018000100205&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 de nov. de 2024.

SILVEIRA, Nádia Dumara Ruiz; CÔRTE, Beltrina. **Vivências singulares na velhice: Mídia e Educação**. *Revista Portal de Divulgação*, 2011. Disponível em:

<https://revistalongeviver.com.br/anteriores/index.php/revistaportal/article/view/116>.

Acesso em 20 de nov. de 2024.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.